



ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A SIMBOLOGIA DA INDUMENTÁRIA EM RELIGIÕES NÃO HEGEMÔNICAS NO BRASIL

Between the sacred and the profane: the symbolism of clothing in non-hegemonic religions in Brazil

Oliveira, João Victor; Graduando; Instituto Federal do Rio Grande do Norte, jvoliv6@gmail.com¹
Dantas, Ítalo José de Medeiros; Doutorando; Universidade Feevale, italo.dantasdesign@hotmail.com²

Resumo: Este artigo propõe uma análise da indumentária relacionada às práticas espirituais não hegemônicas. Busca-se compreender de que forma o vestuário atua como linguagem estética, assumindo funções ritualísticas e identitárias nessas expressões culturais. A pesquisa, concentra-se nos elementos visuais, suas transformações ao longo do tempo e sua manifestação em contextos sociológicos mais amplos.

Palavras chave: Trajes ritualísticos; moda e simbologia; cultura e indumentária.

Abstract: This article proposes an analysis of clothing related to non-hegemonic spiritual practices. The aim is to understand how clothing acts as an aesthetic language, assuming ritualistic and identity functions in these cultural expressions. The research focuses on visual elements, their transformations over time and their manifestation in broader sociological contexts.

Keywords: Ritual costumes; fashion and symbolism; culture and clothing.

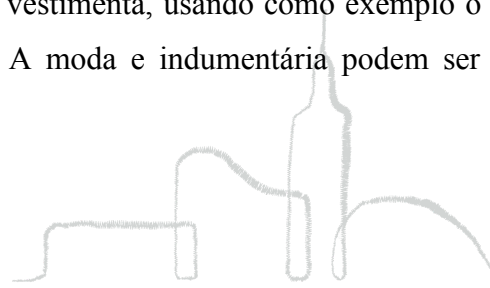
1. Introdução

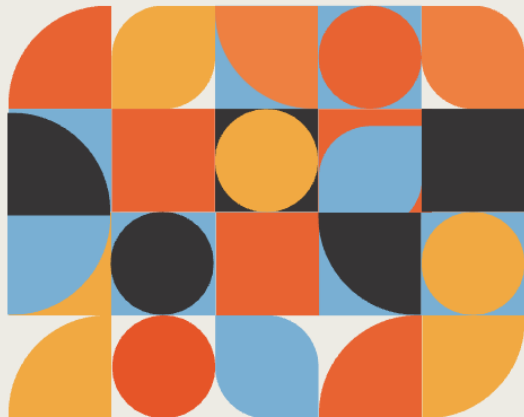
Ao longo da história, a religião foi interpretada por diversas correntes teóricas como instrumento de dominação. No entanto, Friedrich Engels, sob a ótica do materialismo histórico (Ribeiro, 2021) apontava que manifestações religiosas populares poderiam conter elementos de oposição à ordem vigente, principalmente quando expressas pelas camadas marginalizadas da sociedade.

Para tanto, Da Costa (2023) estabelece uma relação entre moda e religião ao associar o conservadorismo à imposição de determinados elementos nos códigos de vestimenta, usando como exemplo o *hijab*, utilizado por mulheres como símbolo da identidade muçulmana. A moda e indumentária podem ser

¹ Minicurrículo do primeiro autor, máximo 3 linhas

² Minicurrículo do segundo autor (quando houver), máximo 3 linhas





consideradas fatores que atribuem significados aos “hábitos constantes e permanentes que determinam o comportamento, a conduta, o modo de ser” de um determinado povo (Calanca, 2008, p. 11).

Assim, é possível associar o termo “moda” a uma ampla variedade de temas, especialmente quando se consideram suas intersecções com as diversas esferas da vida social, influenciando comportamentos, gostos, ideias, artes, linguagem, entre outros.

Nesse sentido, Calanca (2008) ainda define a moda, em sua perspectiva histórica, como um dispositivo social marcado pela brevidade temporal e por transformações constantes, que atravessam diferentes campos da experiência coletiva, por outro lado, a indumentária é um sistema de signos que expressa a relação dos indivíduos com o mundo, funcionando como linguagem que articula dimensões históricas, sociais e culturais.

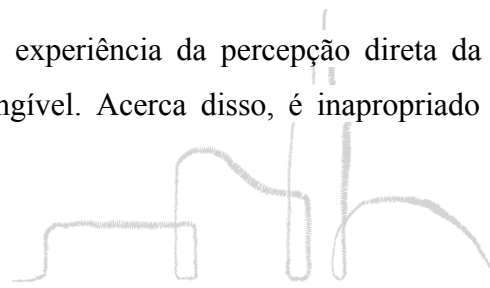
Este artigo tem como objetivo analisar os significados atribuídos à indumentária em práticas espirituais não hegemônicas no Brasil, compreendendo o vestuário como uma linguagem visual e um instrumento de expressão identitária, simbólica e sociocultural. A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, por meio de uma pesquisa exploratória, entendida como aquela que visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito (Gil, 2022).

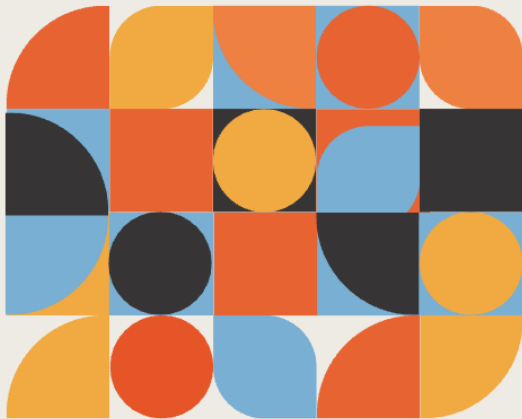
2. Breve referencial teórico

2.1 A ciência da religião

A religião possui um significado singular desde a pré-história, período em que há indícios de cultos a imagens de madeira (totemismo) praticados por povos antigos, além da predominância de sistemas politeístas. Fulano (2019) analisa o termo “religião” a partir de uma perspectiva historiográfica tradicional, destacando a inquietação surgida no início do século XX, quando se temia que a prática religiosa fosse enfraquecida diante da expansão da ciência e da industrialização.

Para Savian Filho (2024) a religião é um discurso filosófico, experiência da percepção direta da divindade ou dos conteúdos da fé, é o elo que liga o tangível ao intangível. Acerca disso, é inapropriado





referir-se a religião como elemento uniforme, a manifestação religiosa se torna algo heterogêneo principalmente na visão contemporânea, onde a individualidade de crenças é bem comum.

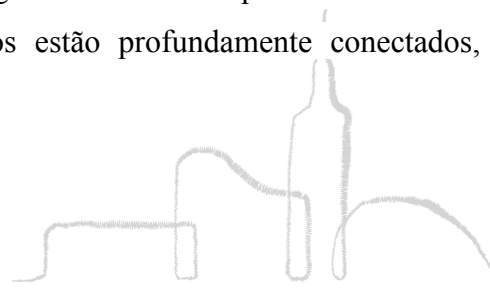
Por outro lado, McGrath (2005) expõe uma crítica ao comparar ciência com a religião, tendo este segundo o intuito de favorecer crenças e instituições, com as quais seus autores simpatizam e penalizar as que lhe são hostis e que quase sempre dependem de propósitos e preconceitos específicos de estudiosos individuais. Já a ciência, adota um sistema de conhecimento organizado que une o natural ao social, desenvolvido por meio da tríade: observação, experimentação e análise.

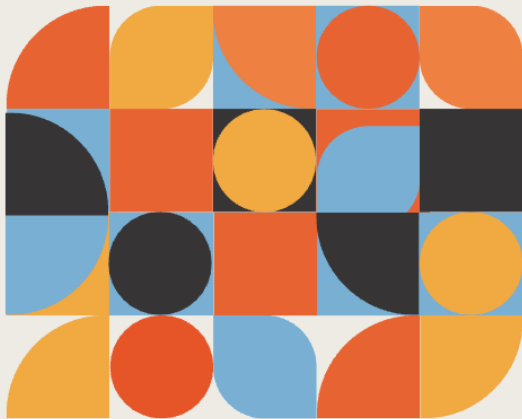
2.2. Indumentária e linguagem simbólica

Sendo assim, desde os tempos pré-históricos, a moda pode ser compreendida como um fenômeno social em constante transformação. Segundo Pollini (2018), essa mutabilidade está relacionada ao ego humano e à necessidade de afirmação diante do outro, refletindo-se em uma dinâmica de competição simbólica. Um dos principais motores dessa constante renovação seria o desejo de imitação, impulsionado, paradoxalmente, pela busca de distinção social, em que indivíduos se inspiram em referências externas para afirmar sua própria identidade dentro de determinado grupo.

Na origem da indumentária são encontrados três motivos pelos quais a humanidade adotou o uso de roupas, sendo dois de caráter instintivo: proteção e pudor. As roupas nos protegem contra as agressões da natureza, do frio, das superfícies ásperas. Em algumas culturas, o ser humano também se sente constrangido ao andar nu entre seus semelhantes e, à medida em que certos valores religiosos tomaram conta da mente humana, esse caráter ganhou ainda mais força (Stefani, 2005, p. 7).

Sendo assim, Calanca (2008) reforça a ligação entre a prática de revestir e a exposição do indivíduo a uma espécie de metamorfose, considerando a capacidade que a roupa ou a indumentária possui de transformar o corpo e a identidade por meio da articulação entre signos e sentidos. Para a autora, a história do vestuário nada mais é, que um inventário cronológico de formas e estilos, que configura-se como um processo cíclico e interligado, no qual os aspectos econômicos, sociais e antropológicos estão profundamente conectados, refletindo a complexidade simbólica e cultural do ato de vestir.





Ao se manifestar como extensão do corpo, a vestimenta opera como enunciado visual, cuja leitura é mediada por elementos como forma, textura, cor, sobreposição e adequação ao contexto. Tal afirmativa é explicada através da semiótica, cuja função é “identificar os sistemas de comunicação e as mais variadas formas de leitura sobre algo específico, por mais de uma perspectiva” (Da Silveira e Schneid, 2019, p. 49).

3. Resultados e discussões

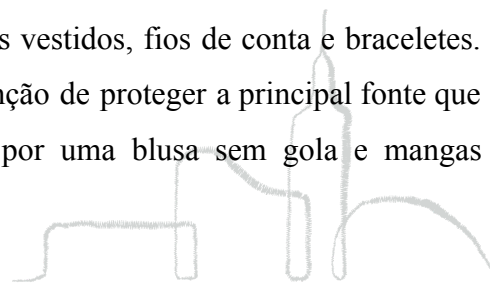
Partindo dessas compreensões simbólicas da indumentária como linguagem visual, o próximo tópico propõe uma observação analítica com diferentes imagens de vestimentas tradicionais associadas a culturas não hegemônicas. Considerando seus elementos formais e contextuais, busca-se compreender como essas peças operam na construção de sentidos, reforçando identidades coletivas, crenças espirituais e vínculos culturais por meio da estética do vestir.

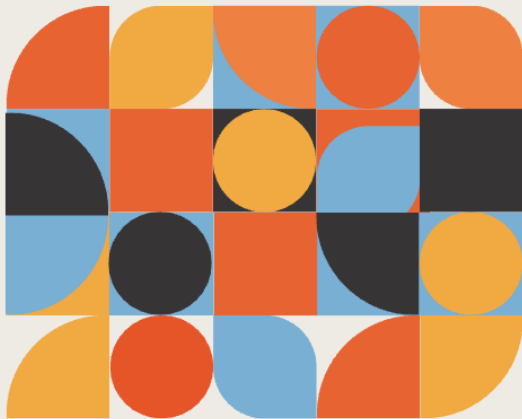
Figura 1: Vestimenta tradicional do Candomblé.



Fonte: Perspectives in Anthropology, 2011.

O primeiro exposto (figura 1), evidencia uma das manifestações afro brasileiras mais influentes, o Candomblé. Os trajes (*arós*) são compostos por inúmeros adornos, longos vestidos, fios de conta e braceletes. Os turbantes que circundam as cabeças são chamados de *ojás* e tem a função de proteger a principal fonte que conecta os corpos aos orixás. O traje religioso também é composto por uma blusa sem gola e mangas





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTÉIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO

DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

confeccionadas em morim branco, para uso cotidiano (*camisu*), calça comprida, geralmente branca, usado sob os saíotes, e chinelos (Brandão e Santos, 2021).

A predominância do branco pode ser explicada por Heller (2013) ao encará-la como a cor do início, da luz e da ressurreição, sentidos que atravessam diversas tradições religiosas. No Candomblé, essa cor ocupa lugar central na indumentária litúrgica, especialmente nos rituais de consagração e culto aos orixás, simbolizando pureza, equilíbrio espiritual e respeito às forças ancestrais.

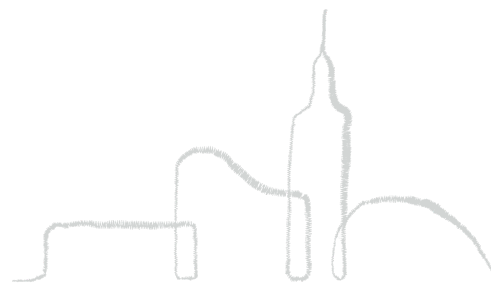
Figura 2: Tambor de Mina, Culto a Nagô.

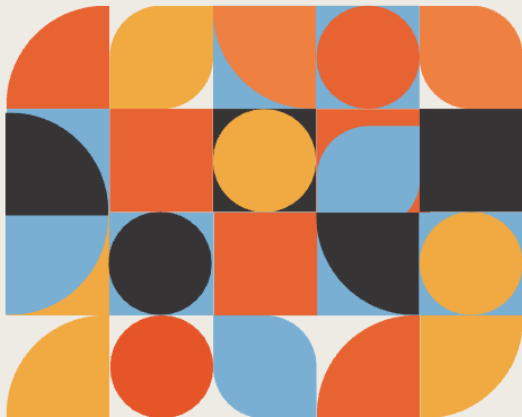


Fonte: Fé Curiosa, 2023.

No próximo exemplo (figura 2), é possível visualizar um dos cultos presentes no Tambor de Mina, que embora seja uma religião hegemônica no Maranhão, foi sincretizado no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô (Ferreti, 1997). Suas cores predominantes são o vermelho, verde e amarelo, presentes em bandeiras de vários países do continente africano como Gana, Togo e Benim (barra das mangas e da camiseta). Suas vestimentas acompanham as cores das guias e em vez de toalhas bordadas ou renda costumam usar vistosos panos coloridos na cintura.

Figura 3: Ritual xamânico.





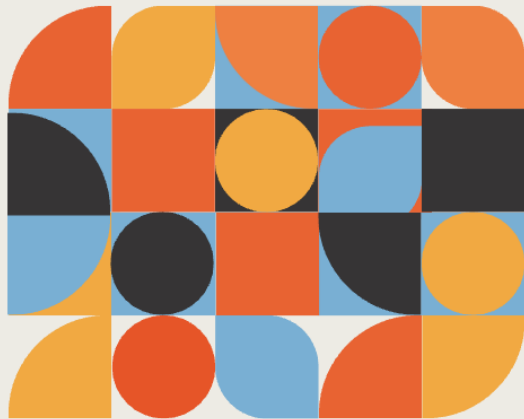
Fonte: Caminho Xamânico, 2022.

A imagem seguinte (Figura 3) apresenta um xamã em contexto ritualístico. Conforme apontado por Eliade (2002), os trajes utilizados pelos xamãs são verdadeiras hierofanias, ou seja, manifestações do sagrado por meio da forma visível. Cocar, peitoral, bastão, tambor e outros elementos não apenas marcam a presença do sagrado, como também expressam uma cosmografia (itinerários espirituais e símbolos que conectam o corpo do xamã ao cosmos). Mesmo em práticas onde a nudez ritual é comum, como no caso de xamãs esquimós, objetos como gorros, cinturões e instrumentos musicais substituem a vestimenta convencional, compondo aquilo que Eliade chama de “guarda-roupa sagrado”.

4. Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, foi possível compreender a indumentária como um elemento central nas práticas espirituais de religiões não hegemônicas, atuando como linguagem visual que expressa identidade, fé e pertencimento. Como objetivo alcançado, destaca-se o reconhecimento da moda e da indumentária enquanto instrumentos de expressão simbólica e cultural. Essa abordagem abre espaço para refletir sobre o corpo como território sagrado e político, onde o ato de vestir carrega sentidos profundos, muitas vezes invisibilizados pelas narrativas hegemônicas.





Referências

BRANDÃO, G.; SANTOS, F. B. No candomblé, do Alá ao Ojá: tecidos que vestem, protegem e sacralizam. In: *ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA – ENECULT*, 17., 2021, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: UFBA, 2021.

CALANCA, D. *História social da moda*. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

DA COSTA, M. J. R. *Moda, conservadorismo e religião vestuário e expressão como fronteira entre o individual e o coletivo*. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior (Portugal).

DA SILVEIRA, L. P.; SCHNEID, F. H. Semiótica da moda: o vestuário como um meio de comunicação. *Revista Poliedro*, v. 3, n. 3, p. 48-59, 2019.

ELIADE, M. *O Xamanismo e as técnicas arcaicas de êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FERRETTI, M. *Tambor de Mina e Umbanda: o culto aos caboclos no Maranhão*. 1997.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

HELLER, E. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

MCGRATH, A. E. *Fundamentos do diálogo entre ciência e religião*. Edicoes Loyola, 2005.

POLLINI, D. *Breve história da moda*. Editora Nova Alexandria, 2018.

RIBEIRO, W. C. *Religião e Revolução: a sociologia da religião de Friedrich Engels*. Curitiba: Editora Fi, 2021.

SAVIAN FILHO, J. *Religião*. WMF Martins Fontes, 2024.

STEFANI, P. S. *Moda e Comunicação: a indumentária como forma de expressão*. Juiz de Fora: UFJF, FACOM, v. 2, 2005.

USARSKI, F. *O espectro disciplinar da ciência da religião*. Paulinas, 2019.

